

**TOXICIDADE AGUDA DE ÁGUAS SUPERFICIAIS EM ÁREA UTILIZADA  
POR EMPRESA DE PRESERVAÇÃO DE MADEIRA – MUNICÍPIO  
DE TRIUNFO, RS**

Simone Bittencourt da Silva Peres<sup>1,2</sup>, Patrícia Nunes Taulé Piñol<sup>1,2</sup> e João Alberto Fabrício Filho<sup>2</sup> (orient.)

<sup>1</sup>Fundação Estadual de Proteção Ambiental “Henrique Luís Roessler”; <sup>2</sup>Centro Universitário La Salle; libelul@terra.com.br; joaoff@fepam.rs.gov.br.

O projeto “Estratégias ecotoxicológicas para caracterizar áreas contaminadas como medida de risco à saúde populacional – EcoRISCO SAÚDE”, desenvolvido pela FEPAM em conjunto com diversas outras entidades, destina-se a avaliar duas regiões do Estado, impactadas por diferentes tipos de contaminantes e atividades humanas. O presente trabalho é uma sub-atividade do estudo, a qual destinou-se a avaliar a toxicidade aguda das águas superficiais na denominada Região 1, levando em conta o transporte de possíveis contaminantes por via hídrica. A área avaliada, de 18 hectares, situa-se em Barreto, município de Triunfo, Estado do RS, a cerca de 80 km a oeste de Porto Alegre. A empresa instalada na área de estudo iniciou sua atividade em 1960, voltada para a comercialização de postes de iluminação elétrica e/ou exploração de produtos derivados de madeira. Nesse ano foi instalado o tratamento da madeira em autoclave. Para tratamento da madeira, a empresa utilizou os “banhos quente-frio” (processo Seeley), solução de pentaclorofenol em óleo e/ou óleo de creosoto. Em 1982, a atividade passou a utilizar, de forma alternada, o creosoto e o hidrossal CCA (Cobre-Cromo-Arsênio). O pentaclorofenol foi eliminado como matéria prima do processo produtivo quando seu uso foi proibido. A partir de 1998, exclusivamente o hidrossal passou a ser usado como preservante no tratamento da madeira. Para verificação da toxicidade utilizou-se o microcrustáceo *Daphnia magna* Straus, 1820, de acordo com a Norma técnica NBR 12713/2004, da ABNT. Foram realizadas nove amostragens de água superficial de escoamento superficial em locais onde houve convergência da drenagem, sempre após eventos de chuva. Os resultados de todos os testes realizados demonstraram ausência de toxicidade aguda nas águas superficiais. Entretanto, outros trabalhos feitos na área mostram contaminação em sedimentos com respostas positivas para toxicidade crônica. Este dado evidencia a necessidade de realização de avaliações mais detalhadas a nível de toxicidade crônica em águas, permitindo definir melhor o risco ambiental.

(Apoio: Proc. N° CNPq -555187/2006-3)